

Desafios da memória diante da nova desigualdade: a favela do 'Beco' de Sousas, em Campinas (SP)

DORACI ALVES LOPES

Socióloga e pesquisadora da Faculdade de Ciências Sociais na PUC-Campinas

RESUMO

Este é um estudo sobre trabalhadores de gerações mais velhas da Favela do Beco e de alguns outros antigos moradores do distrito de Sousas em Campinas (SP). A ênfase da análise foi destacar da história oral uma ética do habitar a partir de vivências de moradias perdidas por várias razões, como migrações, desemprego ou doenças. O desafio está em pensar se esta memória ainda pode ser compartilhada diante das dificuldades da 'nova desigualdade'.

Palavras-chave: Cultura do habitar.
Memória. Subjetividade

ABSTRACT

This research work focus on the older generation of workers who live in a shanty town called *Favela do Beco* and other inhabitants from the same district in *Sousas*. The analysis of oral memory records concentrated on the several times these people lost their home due to migration, unemployment, unstable or informal labour relationships and also due to disease. This discussion is about the possibility of the memory concerning the old workers be damaged by the new generations point of view, because of the current 'new poverty' living conditions.

Key words: Dwelling habits. Memory. Subjectivity

Abordar inicialmente aspectos da formação da favela do Beco significa escrever parte da história das classes trabalhadoras de Sousas, segundo uma interpretação da documentação e dos depoimentos de seus moradores mais velhos, inclusive alguns não favelados do distrito. A ênfase da análise dos relatos orais foi destacar a memória e aspectos de uma cultura do habitar que inclui reiteradas experiências de perdas de moradias, relacionadas quase sempre a fenômenos sociais conhecidos no país: migração, desemprego, trabalho instável, informal. Mas também a outros problemas, como os de saúde, associados ou não à desagregação familiar, envolvendo resistências e reinícios constantes de vida. Essas trajetórias individuais e familiares de perdas de moradias não são isoladas, mas representam experiências sociais e subjetivas ainda pouco debatidas e confirmam uma histórica ausência de políticas públicas habitacionais voltadas para populações mais expropriadas de direitos sociais da sociedade brasileira. (LOPES, 1997)

Nossa perspectiva na segunda parte da interpretação dos testemunhos orais (SIMSON; GIGLIO, 2004) busca combinar razão e sensibilidade, almejando uma produção de novos documentos e um conhecimento mais pluralista na defesa de uma preservação do patrimônio cultural (NEVES, 2000) de um distrito da cidade ainda pouco estudado.

Procuramos pensar sobre a história, a cultura e memórias de trabalhadores idosos tendo em vista a discussão da chamada 'nova desigualdade'. Um debate sociológico contemporâneo que pensa as consequências da intensidade da precarização do trabalho de amplos setores das classes trabalhadoras na etapa do desenvolvimento pós-industrial, ou seja, a partir das últimas décadas do século XX. (MARTINS, 1997; CASTELS, 2004) Entre várias questões envolvidas, estão rupturas com um conjunto de valores éticos e morais, histórica e socialmente construídos pelas gerações mais velhas das classes trabalhadoras do período do capitalismo industrial. O que afeta de algum modo os estudos das ciências humanas sobre temas consagrados da pesquisa social, como a memória, história oral, subjetividade, entre outros.

MEMÓRIA, SUBJETIVIDADE E PERDAS DE MORADIA

As várias percepções sobre a origem da favela do Beco e as mudanças de Sousas e região podem ser reconstituídas, mesmo que parcialmente, se

considerarmos a importância de certos documentos, principalmente os relatos de memória sobre processos de perdas de moradias (LOPES, 2002) e de espaços das classes trabalhadoras do distrito. Alguns destes estão em ruínas, como algumas colônias de fazendas, outros desaparecidos, como vilarejos e cortiços, indicando que há muito por ser conhecido nessa região da cidade de Campinas, sobre a história social da habitação.

A identidade e memória dos trabalhadores mais velhos, nascidos nas primeiras décadas do século XX, [1] são marcadamente ligadas mais a um modo de vida rural do que urbano. Parte são migrantes de outras cidades do interior de São Paulo, ou de outros Estados. Nasceram e trabalharam na maioria das vezes em fazendas e o que impressiona nos depoimentos é a mobilidade intensa de uma fazenda para outra, dentro de Sousas, de Campinas ou mesmo na região, e em outros municípios. Igualmente chama a atenção a variedade de tipos de trabalhos realizados, ora no campo, ora na cidade, às vezes em ambos os lugares, como ser ferreiro em uma fazenda e vigilante em uma casa de comércio, à noite.

Aqueles nascidos nas décadas de 1940 e 1950 em diante, durante a expansão industrial no país, alguns descendentes dos primeiros, viveram menos tempo no meio rural e vivenciaram mais a provisoriedade de emprego e de moradia urbanos, devido à mudança de perfil econômico da região de Sousas e Joaquim Egídio. Foram feitos grandes loteamentos das áreas rurais, principalmente a partir da década de 1970, para condomínios fechados, como o San Conrado e Jardim Botânico. Concomitantemente as classes trabalhadoras iniciaram 'as primeiras ocupações ao longo do ribeirão dos Pires, onde hoje se localiza o Jardim Conceição'. (FASINA NETO, 2003: 4) A provisoriedade das condições de vida e a precariedade dos vínculos com o trabalho desta época têm características diferentes do que vem ocorrendo nas últimas décadas, uma vez que o tempo entre a perda de um emprego e a obtenção de outro era muito menor. (MARTINS, 1998)

Um levantamento mais recente, do ano de 2000, aponta que o centro do distrito de Sousas urbanizou-se muito e atingiu 10.104 habitantes, enquanto as áreas rurais de Sousas e de Joaquim Egídio estão em torno de 4.128 habitantes. (Campinas: Exclusão e Inclusão Social, 2004)

No início do século passado, auge da cultura do café, a pesquisa reve-

1 - Sousas chegou a ter 25.000 habitantes até a crise do café em 1929, entre as zonas rural e urbana. Com a crise houve um despovoamento e ficou reduzida a 5.000 habitantes. (ADAS, 1989 apud FASINA NETO, 2003:3)

2 - Todos os nomes são pseudônimos. sr. Mario nasceu em 1914, na fazenda Sertãozinho, em Sousas e tem dez filhos.

lou que Sousas teve vários cortiços para moradia das classes trabalhadoras, indicando intensa atividade econômica na região. A descrição de um velho trabalhador negro, que vive na favela do Beco, sr. Mario, [2] foi minuciosa sobre ter morado com a mãe viúva e irmãos menores no centro do distrito, em um 'correr de casinhas'. Contou de uma vizinhança próxima, de maioria negra, local onde hoje é conhecido como 'Paredão' e cujo nome da proprietária portuguesa ainda se recorda. Essas lembranças nos fizeram lembrar o clássico *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, livro no qual o autor narra em pormenores a vida urbana da época, revelando vários aspectos que confirmam a existência de uma cultura política privatista, de negação da cidadania, (PAOLI, 2003) presente também na dimensão da produção, reprodução e destruição de espaços da cidade.

Foi a partir de um exercício de aproximação sobre a importância que estes trabalhadores atribuem aos espaços, na maior parte das vezes, vivos apenas na memória, que buscamos compreender os depoimentos, pois manifestam sentimentos de desaparecimento de certos valores morais e éticos que os identificavam como sujeitos sociais no passado.

Retomando o sr. Mario, lembranças da Vila Nova Sousas emergiram sobre quando recebeu um 'lote com escritura', doado por antigos patrões, quando da venda 'da chácara da família do Zé Penteado e de dona Maria de Barros', em que trabalhou e morou durante quinze anos. Ao que tudo indica saiu por volta do final da década de 1950 e início dos anos de 1960, de um dos locais que mais lamenta ter perdido o emprego e a moradia. A venda, por razões de saúde, do lote ganho, foi para sustentar a família de seis filhos. Desde então, 'picaram tudo', ao se referir ao processo mais geral de transformação das fazendas em condomínios fechados e em pequenas chácaras na região.

Uma das mais instigantes descobertas de nossa pesquisa "Favela do Beco de Sousas em Campinas (SP): história e cultura do habitar" (2005-2007), realizada através do Laboratório de Estudos Sociedade, Ética e Cidadania/LESEC, PUC-Campinas, foi saber que a Rua 13 de maio, antigo centro de Sousas, foi destinada para moradia de negros, de 'patricios', após a abolição dos escravos, segundo dois relatos da mesma família, pai e filha. [3] Inclusive confirmam que ainda moram nesta rua dois afrodescendentes daquelas famílias. Muito especial notar a diferença entre a expressão da memória de pai e filha ao referirem-se aos negros.

3 - Dona Vera nasceu em 1953, no centro de Sousas e tem dois filhos.

É, só tinha negrada, tudo preto aí. Mas cada preto tinha sua chácara,... Depois foram tudo vendendo, foram tomando posse daí... Italiano, português... Então, cada um deles ganhou um pedacinho de terra, uma chacinha. ... Naquele tempo era muito barato... Não é que nem hoje. Hoje vai comprar um pedacinho de terra, é uma fortuna. (sr. Mario: 2005)

Naquele tempo se nascia em casa... eu nasci em casa, sousense da gema... tinha na época que eu vivi ali, tinha muito remanescente. Descendentes de escravos que ganharam uma casa, uma chacinha ali. Então tinha dona Iaiá, essa eu conheci. Florentino, esse eu conheci e vários outros. Ali era uma, o nome já diz, Rua 13 de maio, tinha vários. ...o meu pai nunca teve propriedade ali, ele era caseiro em uma chácara, né? Morou assim vários anos. (dona Vera: 2005)

A pobreza dessas famílias e a expansão da economia no centro do distrito estimularam alguns imigrantes europeus, ou seus descendentes, segundo a versão de alguns depoimentos, a comprarem essas terras para construção de moradias e casas de comércio. Entre tantos aspectos, destacamos uma das mais antigas questões sociais da pobreza no país, o difícil equilíbrio entre trabalhar e morar, entre comer ou pagar por um teto. A venda dos lotes da rua 13 de Maio, por descendentes de ex-escravos, aponta que a insegurança na luta pela sobrevivência familiar permeou os caminhos dessas populações.

“... a importância da família põe em foco o frágil equilíbrio em que estão estruturadas as condições de vida familiar. Qualquer ‘acaso’, ... seja o desemprego ou a deterioração das condições de salário e trabalho, seja a doença, a invalidez ou a morte dos provedores principais, pode jogar as famílias nas fronteiras da miséria. Em outras palavras, se a sobrevivência cotidiana depende de um esforço coletivo, as condições vigentes no mercado (e na sociedade) terminam por desfazer - real ou virtualmente - a eficácia possível das estratégias familiares. É isso que permite dizer que a insegurança é o elemento definidor de formas de vida”. (TELLES. 1993:17)

Outro acontecimento de desalojamento familiar foi revelado e igualmente surpreende saber que parte dos primeiros moradores do Beco foi removida pela subprefeitura de outra área ocupada, da mesma Vila Nova Sousas das lembranças do sr. Mario, para dar lugar a um campo de futebol, provavelmente no final da década de 1970.

Quem relatou o caso foi o sr. Paulo, que nasceu em 1940, na cidade de Pitangueiras (SP). Chegou a Sousas em 1968, mudou-se para a favela do Beco em 1980. Tem 4 filhos, 17 netos e 8 bisnetos. A maioria nasceu na favela. É filho da dona Aparecida, que chegou à favela antes e é uma das primeiras moradoras do Beco.

Alguns poucos moram na favela em casas de alvenaria na Rua 15 de novembro. Um deles, o sr. Luis, nasceu em 1940 e é migrante de Pernambuco, afirma ter servido fielmente ao sr. Mokarzel, por ter permitido morar em suas terras. Houve uma troca de 'favores', quando era chamado a prestar algum serviço para o importante benfeitor, como, por exemplo, reparar estragos no edifício da cadeia de Sousas, chefiada por Mokarzel. Orgulhoso revela que, quando chegou, as casas eram de 'pau a pique', cheia de buracos nas paredes, chão de terra (afirma que seriam ruínas de uma antiga 'colônia').

Ao afirmar que reconstruía a casa, compreendemos como estar cuidando de si mesmo, de seu corpo, de sua subjetividade e identidade de pai provedor, responsável, na medida em que crescia a família de oito filhos e tinha algum dinheiro para a obra, conquistada com seu trabalho de pedreiro. Podemos dizer que depoimentos como estes auxiliam na maneira de expressarmos o significado do que chamamos de cultura do habitar.

“De acordo com esta perspectiva, quando se encontram casas e corpos habitados, pode-se falar de casas que são corpos e de corpos que também são casas, o que só ocorre quando eles se assentam em redes de sociabilidade, a base para reafirmar a noção de desenvolvimento humano enquanto apropriação da cultura e forma de resistência”. (TAVARES & ALBERTINI, 2005: 11)

Luis fez inscrição na COHAB para realizar o 'sonho da casa própria',

esperou anos desejando morar na Vila Santana, construída no distrito, mas nunca foi chamado. Chegou logo após a histórica enchente de quinze dias em 1970. [4] Ocupou uma das moradias que, em sua maioria, foram derrubadas devido aos estragos e riscos de desabamentos.

Eu botei, ergui essa obra aí, (...) eu trabalhava de pedreiro. (...) adoro meu lugar, aqui com minha esposa e meus filhos, que eu criei tudo aqui. Aqui eu sofri e aqui eu, graças a Deus, venci. (...) Mais da metade da minha vida foi mais aqui. (sr. Luis: 2005)

Um trabalhador rural, sr. Pedro, nascido em Sousas em 1948, descendente de colonos italianos, [5] pai de três filhos, vizinho da favela, mora em uma casa bastante precária com a mulher e filhos, em terras da família Mokarzel, desde 1971. Confirma que antes dos barracos do Beco, havia um conjunto de casas antigas, uma ‘colônia’, segundo ele, que fazia parte da propriedade da citada família. Após a conhecida enchente de 1970, aconteceu a derrubada da maioria das casas, e surgiram no local os primeiros barracos. (LOPES, 2008) Pedro conhece os primeiros favelados do Beco, inclusive um deles, de pais falecidos, que não mora mais na favela, mas é ‘dono’ de uma conhecida funilaria no local onde antes existia a casa em que nasceu, na Avenida Mário Garnero. Procurado para dar seu depoimento, afirmou que evita falar do passado. Nos dois lados da funilaria também tem dois pequenos comércios. À esquerda na avenida, um boteco de madeira serve bebidas mais aos homens e, à direita, na esquina da Rua 15 de novembro, outro bar menor atende mais a mulheres, crianças e adolescentes, oferecendo refrigerantes, salgados e guloseimas.

Dona Isabel, viúva, nascida em 1917, na cidade de Bebedouro (SP), foi obrigada a sair da fazenda de café com a família toda. Foi dispensada com os pais, irmãos, marido e filhos, da colônia em que viviam, no final da década de 1960. Foram substituídos por bóias-frias no processo de modernização capitalista do campo e de avanço das fronteiras agrícolas no país. Os familiares de dona Isabel, como centenas de milhares de outras pelo país, deixaram de ser colonos para se transformarem em migrantes e trabalhadores temporários, piorando a situação dos salários e as condições de moradia.

Um estudo clássico da economia brasileira sobre a ‘crítica à razão

4 - As enchentes, historicamente, são resultado de sistemas de drenagem inadequados e da ocupação dos fundos de vale e planícies de inundação e de exploração predatória dos recursos hídricos. Desde 1887 há registros de inundações, agravadas a partir da década de 1940, com a vinda de várias indústrias, entre outros fatores. FASINA NETO, João (2003)

5 - Ver SEVÁ, José. Eles Vieram de Longe (1961). O livro conta detalhes cotidianos sobre a saga de uma família de trabalhadores rurais italianos, contratada pela fazenda São Luciano, que parte de Gênova em 3 de agosto de 1891 e chega a Sousas – ‘uma vila de mil e poucas almas, cortada pelo rio Atibaia’ (p.45).

dualista' de Francisco de Oliveira (1972), demonstra como o desenvolvimento capitalista industrial no país criou diferentes formas para reduzir ao máximo o custo da reprodução da mão de obra, marcada pelos intensos fluxos migratórios do campo para a cidade. Na medida em que realiza sua análise, o autor vai desmistificando as relações entre rural e urbano, o dualismo 'atrasado' e 'moderno', demonstrando sua interdependência. Demonstra através de sua pesquisa o quanto a legislação do trabalho varguista foi decisiva para transformar a população migrante que afluía às cidades em exército de reserva; o quanto o salário mínimo ao ser definido rigorosamente como salário de subsistência limitava-se a preencher apenas necessidades alimentares para a reprodução da mão-de-obra urbana; o quanto esse salário mínimo foi fundamental para reduzir o preço da força de trabalho, inclusive a mão-de-obra qualificada; ou de que modo a intensa exploração do trabalho rural contribuiu para manter baixos os preços dos alimentos e, conseqüentemente, os salários na cidade. (OLIVEIRA, 1992)

Por essas razões, a então jovem Isabel e sua família vieram a Sosas como trabalhadores rurais para uma conhecida fazenda local, mas foram obrigados a alugar uma casa no distrito. Pouco tempo depois não sendo mais possível pagar qualquer moradia, devido aos baixos salários e, juntamente com alguns poucos moradores, iniciou a favela do Beco. Dona Isabel vive rodeada por uma extensa família de oito filhos (um deles é o sr. Paulo), e se orgulha do número de netos, bisnetos e até tataranetos, que habitam a favela em torno de seu barraco, ou próximos ao Beco, no próprio distrito. Seu teto, nem sempre o mesmo, foi sendo refecido e mudado de lugar, de acordo com as várias enchentes, atormentando intensamente suas lembranças. Este depoimento muito marcado pelos periódicos transbordamentos do rio Atibaia expressa uma ameaça constante a sua coragem, sua integridade corporal e subjetiva de tal maneira que entrelaça sua história de vida como mulher, mãe de família e trabalhadora, com as experiências das enchentes.

"A moradia... desta senhora ... é típica do lugar, ... está com a maioria dos objetos pessoais e móveis, muito bem arrumados e enfeitados com tecidos coloridos, colocados quase tudo o mais alto possível por causa das enchentes do rio Atibaia. Lamentou por várias

vezes do quanto se ressentia do lugar onde mora, do cansaço, e principalmente da perda do filho solteiro, que bebia muito e faleceu repentinamente. O seu barraco deve trazer a lembrança do filho perdido, as insistentes queixas contra as enchentes revelam também seu luto. ... há uma ambiguidade quanto ao que se sente sobre a favela, mas que não se revela pela fala, mas pelo que se observa de seu cotidiano tão organizado. ... é possível notar seu cuidado e apego com antigas fotos penduradas, plantas e flores cultivadas na frente do barraco, as roupas muito limpas e arrumadas no varal...Ali tem uma relação de 'permanência', um habitar que partilha certo modo de vida, uma cultura de resistência e solidariedade, que parece a única alternativa possível ... diante das péssimas condições de vida ..." (LOPES, 2008: 249)

A favela estudada, com perfil feminino, [6] além das enchentes, enfrentou várias tentativas de despejo ao final dos anos de 1990, conforme afirma dona Vera, uma das principais lideranças informais desse lugar. Ela soube da notícia do despejo por um jornal que lia na casa de família onde trabalhava. Dizia que seriam removidos devido às enchentes e teriam 'destino desconhecido'. Mobilizou os moradores e foram saber do subprefeito em final de gestão do governo de Francisco Amaral (PP), ninguém assumiu a autoria da notícia. Procuraram depois pelo novo subprefeito (administração PT/2000-2004) e de novo pediram esclarecimentos sobre a idéia de despejo. Dona Vera rejeita com indignação a ameaça ao lembrar que muitos moradores, em sua maioria mulheres, [7] estão no Beco há mais de quarenta anos.

...como que ia tirando assim, tirando sem falar nada, sem dar uma explicação?...Ele [subprefeito] foi logo dizendo se a gente não queria sair. Então eu falei: querer sair a gente quer, mas que seja aqui em Sousas. Ele falou: Tá bom. Então a gente está fazendo um, a gente tem uma proposta para o hospital Cândido Ferreira... Depois deu pra trás [projeto habitacional Vila Sousas], acabou... [8]

Várias famílias foram removidas nas últimas enchentes (entre 2002 e 2005), por estarem muito próximas do rio Atibaia. Em uma ação assistencial

6 - Vivem atualmente na favela do Beco, 42 famílias, distribuídas em 25 mães entre 20 e 40 anos; 7 homens; 20 adolescentes entre 10 e 15 anos; 13 crianças entre 5 e 10 anos e mais 12 crianças de 0 a 5 anos. Trata-se de uma favela feminina'. (Fonte: Cadastro Posto Saúde Sousas. Programa Paidéia. Ministério da Saúde. Janeiro 2007)

7 - O número de mulheres chefes de família cresceu 79% entre 1996 e 2006, passando de 10,3 milhões para 18,5 milhões nesse período. O número de homens chefes de família aumentou 25% nesses dez anos. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Amostra de Domicílios (Pnad, 2006). Síntese de Indicadores Sociais, 2007.

8 - "... Segundo Zanata, todas elas [famílias] se cadastraram para adquirir imóvel que integrará um conjunto habitacional viabilizado para abrigar os moradores do

Beco.... A previsão é que o conjunto de moradias esteja construído até o final de 2004, no máximo." (CARMO, M. Prefeitura inicia transferência de moradores de área de risco em Sousas. 29/12/2003)

da Prefeitura, em parceria com setores civis do distrito, passaram a pagar aluguel de algumas casas, juntando famílias ou pessoas, algumas sem vínculos entre si, em bairros populares próximos.

A Prefeitura de Campinas iniciou nesta segunda-feira, dia 29, o processo de transferência de parte das 19 famílias que vivem em área de risco... Inicialmente estão sendo removidas seis famílias que passarão a habitar imóveis locados pela Prefeitura e que estavam abrigadas no Serviço de Saúde Cândido Ferreira e no Centro Comunitário da Vila Santana, também no distrito. (CARMO, 29/12/2003)

As notícias do aluguel pago para moradores da favela do Beco correram pelos bairros populares de Sousas, bem como as sérias dificuldades de convivência e conflitos entre as famílias removidas e reunidas sob o mesmo teto.

O projeto habitacional Vila Sousas, sob responsabilidade municipal, da COHAB continua paralisado, não por falta de verba, mas por várias razões, como a rejeição de moradores dos condomínios fechados próximos da área destinada aos moradores da Favela do Beco. Amplamente divulgadas pela imprensa, duas liminares já foram derrubadas pelo Tribunal de Justiça (TJ) de São Paulo que proibia a Prefeitura de dar continuidade ao chamado 'Projeto de Inclusão Social' que prevê a construção de 80 casas, com 38 metros quadrados cada uma. O local é uma área que o Hospital Cândido Ferreira transferiu à Prefeitura como parte do pagamento de uma dívida da instituição com a Sanasa.

CULTURA DO HABITAR: ORALIDADE E 'PERMANÊNCIA' NO MODO VIDA PROVISÓRIO

O processo histórico de construção cultural expresso a partir de determinadas significações imaginárias e simbólicas sobre o habitar a 'casa', como temos visto, é algo que não se limita à casa física, material. Diz respeito também à moradia interna, subjetiva de cada indivíduo, sinônimo de uma 'ética do habitar' compartilhada, de relações de 'permanência' construídas nas vivências com o espaço vivido. (BACHELARD, 1998)

No caso das memórias sobre a favela do Beco ou de Sousas, sublinhamos alguns traços da relação dinâmica entre passado e presente, em meio às intensas

transformações de desenvolvimento econômico e urbano na região leste da cidade, que atraiu novos fluxos migratórios, tanto de trabalhadores como de camadas sociais de médio e de alto poder aquisitivo.

Muitas favelas surgiram desde a década de 1970, com algumas delas já regularizadas, em grande parte fruto de uma conquista de movimento social de antigas favelas de Campinas, conhecido como 'Assembléia do Povo', que durou entre 1979 e 1986. A luta inicial foi contra despejos coletivos, transformando-se aos poucos em luta pelo direito à terra e à urbanização das favelas. Movimento que acabou criando dimensões nacionais, associando-se a outros movimentos de favelas e criando uma agenda política negociada durante anos com os poderes públicos. Alguns desses espaços passaram a ser chamados de 'núcleos residenciais' por terem sido urbanizados e juridicamente regularizados pelo município, enquanto outros não o foram, por estarem em áreas de risco, por exemplo (LOPES, 1988).

Em Sousas, pelo que apuramos, a favela do Beco se manteve isolada do movimento da 'Assembléia do Povo' e seus moradores assistiram ao surgimento de várias outras favelas no distrito. Resultado de novos fluxos de imigração, como em 1996, quando há a formação da favela do Jardim Conceição (oitenta barracos), do Jardim Conceição II (65 construções precárias de alvenaria) e do Jardim Sorirama, sendo que as primeiras também são sujeitas a enchentes. [9]

... construídas em redes de solidariedade, as moradias, privadas ou públicas, tornam-se sólidas e perenes, como espaços encarnados e eternamente habitados. Ainda que venham a ser destruídas por desapropriações, enchentes, incêndios e outros acontecimentos inesperados – recorrentes em espaços fronteiriços – ainda assim, elas sobreviverão na memória dos sujeitos e na tradição cultural das comunidades. (TAVARES & ALBERTINI, 2005: 11)

Em meio às tentativas de resistirem à falta de direitos sociais e às provisórias de trabalho e de moradias precárias, os velhos trabalhadores desenvolveram, mesmo assim, uma relação particular de 'permanência' com o universo da moradia, do distrito e da região.

9 - 'Das regiões que compõem a APA, o Distrito de Sousas é o que passou por um processo de urbanização mais intenso, com um grau de urbanização de 93,69%. ...com uma população de 10 mil habitantes, esse distrito já apresentava, em 1991, uma população favelada da ordem de 787 habitantes, correspondendo a 8,59% da população urbana do distrito' (Plano de Gestão da APA da Região de Sousas e Joaquim Egídio. Março 1996:32-33)

Pedro, vizinho da favela, em nenhum momento reclamou de alguma moradia perdida, mas, enfatizou várias vezes a perda de referências da antiga sociabilidade e lazer local e do patrimônio arquitetônico da região, associados entre si em suas memórias. Com tristeza lembra o fim das estações de trem e do bonde, que corriam no mesmo trilho, mencionando várias delas, como a do Schmidt, Vila Nova etc.

Ah... era bonito aquele tempo... ali na [Estação] das Cabras era uma coisa mais linda do mundo! Era jogo de futebol todo domingo... dá uma saudade! Quando eu tinha 13 anos 'arranconi' a linha do bonde.

Ele refere-se ainda a um armazém junto à Estação das Cabras 'meio amarela', que tinha uma 'escadona' e pensativo afirma que nada deveria ter sido destruído, pois aquele era um 'ponto ajeitado' para todos. O antigo sistema de transporte fez com que se lembrasse do nome de uma professora, pois 'ela vinha de bonde dar aula' na F.E. Thomaz Alves, no prédio do centro antigo de Sousas. A percepção de um patrimônio natural também arrancado de sua vida vem junto com as memórias da infância e está marcada pelas cachoeiras, por brincadeiras em terras que ninguém proibia, com 'água limpinha', depois de Joaquim Egídio: 'A cachoeira está lá, mas o homem não quer que ninguém vá lá... Ah! O que que é isso? Lá é um ponto turístico lindo... '.

Mário, que nasceu em 1914, também apontou pistas sobre certos edifícios e hábitos que não existem mais, como a citação de vários armazéns em Sousas, ponto de encontro ao final do dia de trabalho. Ao recordar passagens que o impressionaram em sua infância, lembra de ver animais indo para o 'matadouro' onde hoje é o chamado de 'sanatório', o Hospital Cândido Ferreira. Conta que, certo dia, um boi empacou a caminho do matadouro e arrebentou várias vezes o laço (de couro), até que um negro chamado Fortunato resolveu enfrentá-lo. Mas o boi enfurecido correu atrás do 'patriciano', até cair em um 'leito de água de esgoto'. Alguém da família 'Martinelli' deu vários tiros no boi, que seguiu para ser retalhado. Ninguém comeu a carne do boi teimoso, 'ficou tudo preta... tudo azulada'. Ao ser indagado sobre Fortunato, conta que era filho de Luiz Bento, um homem de idade, com um 'bigodão grande'. Imagina que ele veio de Moçambique, gostava muito de contar histórias para as crianças, entre elas uma sobre sua ida à

Guerra do Paraguai. Sentavam no chão em volta dele e ouviam histórias, 'tudo meninada', e algo que ficou é repetido: "Acho que ele falava assim: 'Na Guerra do Paraguai eu fui em terra, pra derrubá maritá' (risos)... Ele falava, mas eu não sabia o que que era".

Do velho Luiz Bento ouviu outra história, da África, que foi repetida várias vezes, provavelmente a pedidos das crianças, permanecendo viva no coração do sr. Mario que, zeloso, quis passar adiante um pouco daquele saudoso mundo em que viveu. Luiz Bento era vizinho de sua casa de infância, na Rua 13 de Maio, diziam que era ex-escravo e forro. A história que impressionava dizia da vinda em navios negreiros, os homens amontoados invocavam seus orixás em alto mar para poder voltar para a África. E um deles conseguiu: "... tinha um que virava corvo, e saía voando e vortava pra terra deles outra veis".

Essa mesma rua é o lugar que mais sente falta pela vida comunitária que podiam ter. Morava em uma chácara à 'beira rio', e seus patrões eram de São Paulo, de quem sua mãe era cozinheira. A casa em que morava era de alvenaria, no quintal tinha uma nascente de água 'cristalina', roseiras, mangueiras, bananeiras, laranjeiras e mamoeiros. Conforme suas palavras, 'lá tinha tudo'. Casa, corpo, subjetividade e convívio social naquele momento da vida do depoente era uma unidade existencial, estavam integrados, em uma época que o trabalho e a moradia eram elementos estruturantes menos instáveis para a construção da identidade das classes trabalhadoras.

"A casa natal é uma casa habitada. Os valores de intimidade aí se dispersam, estabilizam-se mal, sofrem dialéticas. ... Mas, para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. ... As sucessivas casas em que moramos mais tarde banalizaram os nossos gestos. ... Em suma, a casa natal gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. ... todas as outras[casas] não passam de variações de um tema fundamental. A palavra hábito está demasiado desgastada para exprimir essa ligação apaixonada entre o nosso corpo que não esquece a casa inolvidável". (BACHELARD, 1988: 33-34)

Por essa razão o sr. Mario achava bonito ver a mãe, como outras mu-

lheres, descerem juntas para lavar roupa no rio, em um canto com madeira: 'Amarrava a saia na cintura assim, e estendia aquilo'. Todos na família tinham seus deveres, cada filho levantava e já tinha sua 'obrigação'. A mãe saía cedo e deixava o almoço pronto. As crianças iam para a escola e durante a tarde, (algumas trabalhavam) brincavam ao lado da 'igrejinha' de São Sebastião no antigo e originário centro de Sousas. Recorda que quando era mais ou menos oito horas da noite toda a 'molecada' ia para casa e não tinha rádio ou televisão, 'não tinha nada'. Mas, por outro lado, recorda com muita satisfação dos laços comunitários, solidários, dos dias que a mãe e as vizinhas, as 'patriçadas', sentavam juntas e contavam 'causos' entre elas.

Juntava a turminha de molecada... Às vezes, nós não tinha jantado ainda, às vezes nós comia na casa do pessoal aí... era tudo umido. ' _Ob, dona Rosa, eu truce um pedaço de carne pra senhora! Minha mãe fazia pão lá no forno, e fazia aqueles paozão e lavava pras outras...Hoje um [vizinho] não faz um servicinho sem querer ganhá... Não tem mais união, não. (sr. Mario, 2005)

Uma infinidade de novos detalhes fascina, desde a feira de animais, com a vinda de tropas de Minas. Durava um mês, pousavam em uma 'ferraria' próxima à favela do beco. Aconteciam as 'barganhas', à noite faziam comida, frequentavam um bar na Rua 15 de Novembro, o 'Gato Preto', que aos fins de semana costumava ter 'bailinhos'. A feira acabou por volta de 1930, quando o sr. Mario afirma ter iniciado a circulação de animais em caminhões.

Descreve muitos outros detalhes de sua mocidade nos anos de 1930, quando a diversão era a 'serenata', lembra dos apelidos de cada membro da banda, a maioria negros, do nome dos instrumentos, da beleza de sair junto cantando e dançando pela rua até se reunirem aos sábados e domingos na praça principal do centro. Segundo o sr. Mario as moças iam à missa e depois aos bailinhos, seja em fazendas ou no centro do distrito.

Divino nasceu em 1906, não reclamou da falta atual de moradia própria, nem do passado - 'morada era tudo igual' - mas sente principalmente a perda da sociabilidade do passado, das 'amizades' que cultivou ao longo da vida. Veio de Feira de Santana (BA) de caminhão com a família, mulher e três filhos. Aposentado, viúvo duas vezes, vive com uma filha casada, em Sousas, mas costuma

ir para a casa de outros filhos fora de Campinas. De uma perda não esquece e parece sofrer quando se lembra da migração forçada, quando foi obrigado a vender seu sítio e animais (cavalo, ovelha, gado). Veio para São Paulo por falta de meios para levar uma vida digna como chefe provedor da família, embora seu lugar de origem tivesse 'terra boa, águas santas... Mas não ganhava... É zero coco'. Através de um compadre veio para a capital, provavelmente na década de 1940, e depois para as fazendas da região de Sousas e Joaquim Egidio, onde viveu mais tempo de sua vida. Conta que antes do gado ser transportado em caminhões, seu trabalho era ser 'peão', do que se orgulha muito e prova ao mostrar seus objetos pessoais de montaria e fotografias guardados com carinho pela família. Teve sete filhos, mas se orgulha de ter criado mais na Bahia, eram crianças que tinham pai e mãe, 'mas ia em casa, comia e bebia, não queria mais sair e ficava'. Afirmo que gostava de ver aquelas crianças todas no terreiro no final do dia, juntava todas para conversar e ensinar.

Deitava assim no terreno, a lua bonita, eles rodeava, ficava tudo conversando... Ensinava o jeito da vida... Como continuar pra frente, ensinar umas que... pra bem. Hoje não tem mais criação. Hoje é tudo vaidade... O que é a lua, o que é as estreias [estrelas]... Boca suja não era comigo. Hoje acabou-se isso. Acabou... [pensativo] Acabou o Brasil ... (st. Divino, 2005).

Como peão viajou vários Estados brasileiros, voltando sempre para a Bahia, e compara as diferenças culturais por onde passou, levando meses e meses tocando o gado, principalmente para Minas Gerais, ou para o norte e nordeste do país. Na região de Sousas, também mudou para uma grande quantidade de lugares, indo de uma fazenda para outra, sempre lidando com gado e cavalos, denunciou inclusive casos de violência física de patrões contra empregados. Lembra que andava muito de cavalo ou a pé e, se quisesse, podia dormir no mato, junto de uma estrada. Não apareceria ninguém para aborrecer, mas 'hoje em dia não se pode nem piscar o olho!...O problema do mundo é ladrão. Acabou o sossego da turma'. Gostava de andar à noite, ia a festas, segundo ele tinha festa toda noite na fazenda Santo Antônio, uma 'zuada, gostava de zuada... forrózinho, tinha uns pernambucanos pra tocar'. Na fazenda Concórdia lembra que tinha um bar, uma 'venda', um 'botequinho'

que, ao final do dia, todos estavam lá, incluindo o dono que também ia beber e jogar bocha. Enfatiza que se chegar a qualquer lugar em Joaquim Egídio vai ser tratado com respeito pelos antigos, como no tempo em que o mercado era na rua e 'não tinha inimigo', há até quem diga 'Oh! Senhor Divino! Tá vivo ainda danado?!'.

Ao que tudo indica nos depoimentos, havia lugares específicos para o lazer dos imigrantes europeus e outros para os negros. Afirmam que em alguns poucos lugares era possível ver brancos e negros reunidos. Questões como essas surgiram no final da pesquisa, não havendo tempo de aprofundar, mas que merecem ser retomadas através da história oral, pois não encontramos registros escritos a respeito.

Acompanhar as descrições minuciosas e emocionadas de velhos trabalhadores sobre o passado em Sousas e região nos instigou a querer entender por que todos lamentaram não ter mais com quem conversar, para quem transmitir 'lições de vida', mesmo na família, uma vez que cresceram ouvindo 'histórias' dos mais velhos.

Para abordar esse problema, nos apoiamos no debate sociológico sobre a 'nova desigualdade' que inclui entender o que Martins (1997) chama de 'privação moral'. Faz parte dessa discussão, a crítica ao uso indiscriminado do conceito 'exclusão social', utilizado para explicar toda e qualquer situação de pobreza até tornar-se inócuo pela exaustão. O autor analisa que no atual estágio do capitalismo a precarização das condições de vida e trabalho foram aceleradas, traduzindo-se em direitos e garantias sociais erodidos. A perda do emprego pode significar não voltar ao mercado de trabalho, ou a demora é tão longa que, para sobreviver de algum modo, o trabalhador é obrigado a recorrer a vários expedientes, lícitos e ilícitos. Denomina esse processo de 'privação moral', uma vez que o trabalhador se vê impelido a abrir mão de certos princípios morais para sobreviver, como prostituir-se, traficar ou envolver filhos menores nessas atividades, por exemplo. O que significa que a expectativa, principalmente das novas gerações, por uma oportunidade de ascensão social pelo estudo, um emprego, não tem mais a mesma relação com a ética de trabalho das gerações anteriores, que incluía o sacrifício pelo futuro de filhos e netos. Sem muitas perspectivas de integração positiva no mercado e na sociedade as

'novas gerações tornaram-se, com razão, impacientes'. (MARTINS, 1997: 19)

Entre os mais atingidos pelo desemprego nesse contexto econômico estão os jovens. Castel (2004) explica que essa população não consegue ingressar no mercado de trabalho ou permanecer no mesmo, uma vez que a informalidade e instabilidade são as marcas centrais do mundo do trabalho contemporâneo, que anulam direitos e aprofundam as desigualdades sociais. O autor também critica o uso abusivo do conceito de 'exclusão social' ao comparar trajetórias de trabalhadores desempregados, formados na experiência fordista, industrial, com jovens em idade de ingresso no mercado de trabalho, mas que acessam apenas trabalhos temporários, instáveis. Ambos são considerados socialmente 'excluídos' pelo conceito, mas suas trajetórias de vida são incomparáveis, e terão de buscar formas de sobreviver e reincluir-se em condições cada vez mais difíceis, o que significa submeter-se muitas vezes a atividades ilegais para garantir o mínimo de sobrevivência nas cidades. O capitalismo pós-industrial intensificou a automação das fábricas, exigindo mão de obra qualificada, entre outros processos modernizantes em curso para baratear ainda mais o custo da mão de obra ou tornar definitivamente dispensáveis amplos contingentes das classes trabalhadoras.

Outra discussão auxilia entender o que parece ser mais do que uma mera diferença ou conflito entre gerações, quando nos referimos a esses velhos trabalhadores da favela (e do distrito) de Sousas que afirmam não compreenderem seus descendentes, principalmente os mais jovens. Trata-se de um universo de estudos e pesquisas sobre o que está sendo chamado de retorno à 'condição operária'. O foco crítico é compreender essa condição 'após a classe operária', ou seja, a 'decomposição' desta, fenômeno social que vai além de nossas fronteiras nacionais. Trata-se de um diálogo com estudos realizados na França, de Michel Pialoux e Stéphane Bead, publicado em 1999 sob o título 'Retour sur la condition ouvrière' (De volta à condição operária), que problematizam as consequências da reestruturação produtiva naquele país, desde meados de 1980. As pesquisas brasileiras também pensam essas transformações através da perspectiva de análise da história social e etnográfica. Entre as reflexões realizadas, há uma questão fundamental sobre os desencontros entre diferentes gerações de operários que, cremos, auxiliam na compreensão da visão de mundo de velhos trabalhadores, como os desta

pesquisa, que está sendo chamada de 'ruptura com a herança operária'. (Dossiê Sociologia da Condição Operária, 2006)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que recordar um tempo que valorizava a transmissão oral de saberes, reunidos em um 'ethos' afetivo que orientava o habitar, a sociabilidade, a ética do trabalho (como a honestidade e o sacrifício pela família), aflora a necessidade de repensar sobre o sentido existencial para essas classes trabalhadoras mais velhas. É o objetivo dessas gerações continua sendo o de transmitir um conjunto de valores culturais para as gerações futuras. O desejo em garantir relações de 'permanência' com Sosas é um traço comum em todos os relatos, de homens e mulheres.

O problema é que, mesmo se a favela for conquistada do ponto de vista do espaço físico, tudo leva a crer que algo não pode se realizar, dada a mencionada 'ruptura na transmissão da herança operária', (Dossiê Sociologia da Condição Operária, 2006) que faz parte do mesmo universo de questões sociais contemporâneas do que estamos denominando de desafios da 'nova desigualdade'.

As várias maneiras que os velhos trabalhadores da favela e do distrito possuem para explicitarem essa 'ruptura' parecem ser sob a forma de queixas contra um real muito estranhado, transformado. Verbalizam a insatisfação sobre as contínuas mudanças urbanas, a violência no distrito e o desemprego incompreensível e alarmante entre os jovens do lugar. Criticam com receio a proximidade com o narcotráfico na favela, os novos moradores 'de fora', tanto de novos migrantes das classes trabalhadoras quanto de outros, com alto poder aquisitivo, gente 'sem educação', que circula próximo das portas de seus barracos.

Mais do que 'concluir', verificamos que esse caminho de pesquisa nos permitiu perceber novas maneiras de abordar os problemas sociais, a serem pensados ou repensados. Em diferentes campos das ciências humanas, discussões sobre a história social, história oral, memória ou subjetividade possibilitarão resgates que combinem razão e sensibilidade, contatos mais humanos perante a existência de um Outro que nos motiva conhecer.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi; revisão/tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CAMPINAS: *Exclusão e Inclusão Social*. Prefeitura Municipal de Campinas. Instituto Pólis; PUC-SP; INPE. 2004

CASTEL, R. "As armadilhas da exclusão". In: BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C.; BELFIORE-WANDERLEY, M., *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC, 2004, p17-50.

CARMO, M. "Prefeitura inicia transferência de moradores de área de risco em Sousas". *Cosmo On Line*. 29/12/2003, Disponível em: <http://www.cosmo.com.br>. (Acesso 29/07/2007)

Dossiê "Sociologia da Condição Operária". In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Vol. 18, no. 1, jun 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-207020060001&lng=pt&nrm=iso (Acessado em 26/08/2009)

FASINA NETO, J. "Subsídios para a solução de conflitos relativos a enchen-tes e uso da terra. Estudo de Caso: A APA Municipal de Campinas (SP)". Relatório final. Departamento de Saneamento e Ambiente da Faculdade de Engenharia Civil. Unicamp. Campinas. 2003

LOPES, D.A. "Classes trabalhadoras de Sousas em Campinas (SP): história e cultura do habitar". In LUCENA, C.T.; CAMPOS, M.C.S.S., (Organizadoras). *Práticas e Representações*. São Paulo: Humanitas, CERU, 2008, p. 235-255.

_____. "Casa, despejo e cultura". In *Cadernos CERU*. Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, CERU/USP, n.13, 2002, p. 193-209.

_____. "Trabalhador sem teto e habitação provisória: vivências acerca dos processos de perda da moradia urbana". Tese de doutorado em Sociologia. FFLCH USP. São Paulo: 1997, 210p.

_____. *Marginais da História? O movimento dos favelados da Assembléia do Povo (1979/1986)*. Campinas: Alínea: 1997.

MARTINS, José de Souza. "O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal". In: *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 25-38.

NEVES, Lucia de A. "Memória, história e sujeito: substrato da identidade". In: *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.3, jun. de 2000, p. 109-116.

OLIVEIRA, F. "A economia brasileira: crítica à razão dualista". In *Estudos CEBRAP2*. Edições CEBRAP, Editora Brasileira de Ciências Ltda., São Paulo, out. 1972, p. 3-82.

PAOLI, M. C. P. M. "Movimentos sociais, movimentos republicanos?" In: F. T. Silva; M. Naxara; V. Camilotti. (Organizadores). *República, Liberalismo e Democracia*. Piracicaba: Unimep, v. 1, 2003, p. 163-191.

Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental da Região de Sousas e Joaquim Egídio. APA Municipal. Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. Março, 1996

SEVA José. *Eles Vieram de Longe*. Editora e Livraria João Amendola: Campinas, 1961.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; GIGLIO, Zula Garcia; ESPINOSA, A. J. . "El arte de recrear el pasado: historia oral y vejez productiva". *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, v. 6, p. 263-278, 2004.

TAVARES, S. M. & ALBERTINI, P. "Moradia e corporeidade em espaços liminares: um estudo sobre formas de subjetividade na favela". In *Revista Paidéia*. v. 15, no. 31, 2005. Disponível em <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/31.htm>. (Acessado em 13/08/2007)

TELLES. "Pobreza e cidadania: dilemas do Brasil contemporâneo". In *Caderno do CRH*, n.19, jul - dez 1993 p. 8-21 (O Mundo Trabalho e dos Trabalhadores).